



HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO

Prof. Arabella Galvão



Introdução

É sempre possível apreciar uma decoração bem sucedida, ainda que se ignore o período a que pertencem os móveis nela incluídos, da mesma forma que se pode ouvir com prazer um concerto sem que se saiba distinguir os diversos instrumentos que compõem a orquestra. No entanto, a música adquira um sentido mais profundo quando se conhece algo sobre os instrumentos que a reproduzem. Pela mesma razão, se aprendermos a reconhecer os diferentes estilos de mobiliário, a decoração de interiores revestir-se-á para nós de um maior significado.

O conhecimento do móvel antigo permite-nos considerar cada estilo segundo uma perspectiva adequada, não apenas como algo isolado, mas sim como uma fase no desenvolvimento do gosto na decoração. A história do mobiliário torna evidente, como veremos, que cada um dos seus estilos surgiu como uma consequência natural daquele que o precedeu.

A evolução normal do caráter estético está diretamente relacionada com as modificações progressivas das técnicas de produção. Deste modo, os criadores de móveis preocupam-se constantemente em harmonizar as formas com os materiais e técnicas disponíveis, para as adaptar às necessidades da vida cotidiana. A seleção das matérias-primas é frequentemente determinada pelas condições locais ou por uma conjuntura econômica particular. Por exemplo, as marcenarias do século XVII estavam instaladas principalmente nos portos onde descarregavam os navios que transportavam as madeiras exóticas.

Através dos séculos, os móveis adaptam-se também aos costumes. Nos princípios do século XVIII os braços das cadeiras encurvam-se, não para acompanhar a linha das pernas, mas para evitar que se enrugassem os volumosos vestidos impostos pela moda da época. As formas ogivais, marcas do estilo gótico, não foram criadas por um mero capricho da nobreza. Eram a personificação do forte sentimento religioso que tomou conta da Europa no século XI.

É assim, em resposta aos grandes momentos históricos, que nascem os estilos, variando de acordo com a evolução da técnica e as condições geográficas de cada país. As formas de ambientação que conhecemos – clean, contemporânea, étnica e outras – podem ser classificadas como tendências. Acrescente a elas o seu tom pessoal, misture e use.

Cronologia

No quadro anexo é apresentado um resumo gráfico geral da evolução cronológica dos principais estilos do mobiliário nos diferentes países da Europa. Antes do período descrito no gráfico existem os estilos da Antigüidade, dos quais existem poucas referências, por isso serão descritos rapidamente. Após o período descrito no gráfico, que corresponde à segunda metade do século XX e início do XXI, não existe ainda um estilo definido. Aparecem várias tendências, que dificultam a análise deste período, além do que, qualquer análise histórica que se faça de um período muito recente pode incorrer em erros, já que estamos no calor dos acontecimentos.

ÉPOCA	ESTILO	FRANÇA	ITÁLIA	ESPAÑA	ALEMANHA	INGLATERRA
1600	RENASCIMENTO	Henrique IV Luís XIII	Renascimento	Renascimento	Renascimento	Isabelino Jacobino
1650	BARROCO	Luís XIV	Barroco	Barroco	Barroco	Restauração Guilherme e Maria Rainha Ana
1700	ROCOCÓ	Regência	Veneziano	Rococó	Rococó	Georgiano Chippendale
1750	NEOCLÁSSICO	Luís XV	Neoclássico	Carlos IV	Neoclássico	Adam Hepplewhite
1800	IMPÉRIO	Diretório Consulado Império	Império	Fernandino	Império	Sheraton Regência
1850	ROMANTISMO	Restauração Luís Felipe Napoleão III	Romantismo	Isabelino	Romantismo	Vitoriano
1900	MODERNO	Art Nouveau Cubismo	Floral Cubismo	Modernismo Cubismo	Jugendstil Bauhaus	Arts and Crafts Modern Style Cubismo
1950	CONTEMPORÂNEO	Funcionalismo Organicismo Design	Funcionalismo Organicismo Design	Funcionalismo Organicismo Design	Funcionalismo Organicismo Design	Funcionalismo Organicismo Design

Estilos da Antiguidade

Egípcio

No período de 3000 a 200 a. C., os egípcios apresentavam uma construção hábil e decorada com uma riqueza de material e *design*: a cadeira. As cadeiras mais antigas eram os bancos desmontáveis com suporte em “X”. O assento era de madeira, couro ou junco e os suportes imitavam patas de animais. O hábito de sentar de pernas cruzadas dos egípcios fez com que os modelos tivessem pouca altura. Posteriormente, as cadeiras foram trabalhadas com cabeças de leão e touro, e tinham o espaldar maciço. Os braços dos troncos mostravam leões ou cisnes.

Grego

Na Grécia, de 1200 a. C. até o fim de seu apogeu em 323 a. C., as primeiras lições de arte vieram dos egípcios. A região contava com rico material de construção, como o mármore, rendendo a maior produção de arte que o mundo já viu. Bronze, ferro, madeira, entalhes e incrustações em ouro, prata e marfim também estavam presentes na decoração do mobiliário. As cadeiras também foram utilizadas pelos gregos, que criaram a “Difos”, modelo sem espaldar e com suportes cilíndricos, e a mais comum, chamada de “Klismos”, com pernas e encosto curvos. Também foram encontrados modelos terminando em disco e patas de cachorro ou leão.

Romano

A arte romana teve início em 200 a. C. e buscou inspiração nos motivos etruscos e gregos. Com suas conquistas e vitórias, os romanos formam uma arte nacional, luxuosa, realista e monumental. As cadeiras apresentavam encosto curvo, lembrando bastante as gregas, sendo mais pesadas em estrutura e ornamento. Tamboretas e banquinhos em “X” também eram usados. Mas o mobiliário mais importante da época eram as camas, onde os romanos passavam a maior parte do tempo reclinados, lendo, conversando, comendo ou dormindo.

Idade Média

Românico

No mundo Românico a guerra e a caça fizeram da vida ao ar livre a principal ocupação das elites, e do “aconchego do lar” um mundo desconhecido. As classes economicamente privilegiadas não gozavam, nos castelos feudais, de muito maior comodidade que os seus vassalos e servos. Sem cenário, a presença do móvel reduzia-se ao essencial, orientando-se este mais para a sua função que para a decoração.

Por toda a Europa eram fabricados móveis em castanho, pesados, sólidos e sóbrios, segundo a lição da própria arquitetura, utilizando a técnica oriental de construir a peça através de encaixes, sem utilizar um único prego.

No leito da habitação, encontravam-se as peças: *almadraques* (colchões), *cocedras*, *cabeçais* (almofadas), *colchas* e *steiroens* ou *chumaço* (travesseiro). Estas assentavam sobre uma armação mourisca pelo desenho e indiscutivelmente medieval. Este leito esteve na origem da cama. Numa iluminura do Apocalipse do Lorvão (século XII), reproduz-se um exemplo dos leitos medievais.

As arcas, pelo seu caráter funcional, constituíam peça de primordial importância no mobiliário da época. Apresentavam-se freqüentemente reforçadas por aplicações de ferro forjado,

por vezes em volutas, para maior resistência, com os montantes dos lados prolongados até o chão, formando os pés.

As cadeiras eram raras e para personagens importantes: duas ilhargas reforçadas em “X”, por vezes ligadas a um estrado. As mesas são peças simples e robustas, reproduzindo-se por vezes, a largos tempos colocados sobre sólidos cavaletes.

Não restam, como acontece também ao período subsequente, exemplares destas peças: só a pintura (iluminuras e tábuas de cenas religiosas) salvou o que as guerras e catástrofes destruíram por completo.

Gótico

Estilo marcado pelas formas ogivais, o gótico monopolizou as atividades artísticas na Europa (principalmente na França e na Alemanha) do século XII ao XV, quando cedeu espaço ao Renascimento.

Originado na arquitetura, o estilo foi immortalizado em suntuosas catedrais, da abadia de Saint Denis à catedral de Colônia, na Alemanha. No mobiliário, reproduzem-se os temas religiosos, com estruturas que parecem buscar o céu. Raríssimos exemplares restaram desse trabalho artesanal, de madeiras entalhadas, tapeçaria de sedas e, principalmente, metais caprichosamente trabalhados. Hoje são encontrados apenas em museus e igrejas, onde o desconforto que parecem propiciar é sublimado pelo prazer visual da riqueza de seus detalhes.

Os móveis de assento eram sobretudo constituídos por bancos, mochos ou tamboretas, arcas e almofadas. Nos séculos XIV e XV as cadeiras não eram freqüentes, não sendo também numerosas no século XVI.

Quanto as arcas desta época, muitas são lisas ou divididas em painéis, com pontas de diamante lavradas com volutas e folhagens e com grandes ferragens recortadas de ferro forjado. Como nos armários, aparece já a decoração com medalhões, substituindo a decoração ogival diretamente inspirada na arquitetura. Como tema decorativo, também com origem no período gótico, surgiram os painéis entalhados em forma de pergaminhos ou panos pregueados, que continuaram a aparecer no século XVI. Assim aparecem armários com dois ou mais corpos de linhas verticais e maciças, e portas de almofadas ou medalhões entre ricas molduras, ornados de “pergaminhos”.

O aparador corresponde ao gosto nascente de um aparato doméstico que uma época mais estável e uma economia mais rendosa começam a impor. Trata-se de um móvel de luxo, com várias ordens de prateleiras, onde eram expostas as baixelas, coroadas por vezes por dosséis de cimalthas góticas ou panejamentos.

As mesas com tampo poligonal ou retangular, apresentavam-se ligadas a uma régua.

Os leitos são retratados com espaldares altos em pinturas da época. Por serem altos, necessitavam freqüentemente de um estrado colocado ao seu lado, ou uma arca estreita e comprida, como degrau.

Renascimento

No mobiliário do renascimento fundem-se o racionalismo da época e os últimos assomos do misticismo medieval, o que traduz numa contínua luta pelo predomínio entre a estrutura e o ornamento. O móvel renascentista, que se personaliza no século XVI, teve a sua origem na Itália e caracteriza-se pela dependência da arquitetura e pela inspiração na arte clássica. Na maioria dos países são fabricados móveis subordinados a uma falsa idéia de monumentalidade, pesados e excessivamente severos, com excesso de entalhes geométricos e sem grande variedade de formas.

Sempre que se pretende que sejam luxuosos, esses móveis tornam-se demasiado sobrecarregados de ornamentos. No móvel do renascimento predominam as linhas e os planos horizontais, em contraste com a verticalidade do móvel gótico.

Durante todo o século XVI, no mobiliário dos países europeus, sobressaem os motivos renascentistas; embora um novo estilo, o barroco, se manifeste já na arquitetura desde meados do referido século, o mobiliário demorará ainda a adaptar-se as novas formas. Na Itália e na Espanha, onde o mobiliário é extremamente semelhante, o estilo renascentista perdurará bastante tempo inalterado.

A madeira normalmente utilizada é a nogueira, consistindo o acabamento dos móveis num polimento com azeite e cera dissolvida em essência de terebentina ou aguarrás. O torneado, que surge constantemente nos encostos e nas pernas de cadeiras e cadeirões, apresenta perfis agressivos. O entalhado exhibe grande fantasia, abundando os motivos populares, designados pelo nome genérico de “grotesco”, a que se juntam jarrões, bustos e elementos vegetais. Os móveis apresentam, por vezes, revestimentos de brocado e veludo ou então de couro talhado e policromado, de singular beleza. São também utilizadas aplicações entalhadas de formas mais ou menos complexas, de ferro e bronze sobre veludo. Por último, estes móveis ostentam com frequência tachas de cabeça grande, muito entalhadas, de grande valor decorativo.

Na França, no século XV, o mobiliário apresenta ainda uma estrutura medieval, apenas com ornamentação de influência renascentista. Esta influência alcançou caráter nacional somente no século XVI, com o estilo denominado Henrique IV, cujos móveis, tratados como autênticos edifícios, são formados por complexas molduras, colunas e pilastras, que delimitam uma série de nichos, conchas, tampos finamente ornamentados com entalhados de difícil elaboração.

No final desta época surge o mobiliário de estilo Luís XIII, que impõe o torneado em forma de espiral, de rosário ou de balaústre. Este estilo caracteriza-se também pelo aparecimento repetido de um ornamento em forma de ponta de diamante, especialmente nas almofadas, combinando com figuras geométricas, e pela introdução de formas acolchoadas nos assentos.

O estilo Luís XIII corresponde ao período de transição entre o renascimento e o barroco. É nesta época que nasce, na realidade, a marcenaria, precisamente na França, quando a madeira de carvalho passa a ser substituída pela de nogueira ou por madeiras preciosas, como o ébano. Juntamente com esta nova técnica, destinada a obter um melhor aproveitamento das madeiras caras, surgem outras, como a marchetaria e a aplicação de bronze no mobiliário.

Os móveis de assento do estilo Luís XIII distinguem-se pelos ângulos retos e pelo apoio sobre pernas torneadas, geralmente em forma de rosário (esferas sobrepostas) ou de balaústre. Aparecem nesta época também os escabelos e tamboretetes, de dimensões mais reduzidas.

Os armários apresentam cornijas e ornatos superiores de notável decoração, e uma variada distribuição de portas. Numerosas colunas emolduram as portas e almofadas entalhadas, e constituem, freqüentemente, autênticas obras de arte de tornearia.

O contador é o móvel mais pesado do seu estilo, pois apresenta uma série de incrustações pintadas ou de marchetaria, é provido de numerosas gavetas e apóia-se sobre uma mesa com pernas em forma de coluna ou cariátide, em talha. O tampo das mesas, com borda lisa ou formado por grossas molduras, apóia-se em pernas torneadas, unidas por travessões do mesmo tipo. A mesa-secretária, utilizada pela primeira vez nesta época, apóia-se em dois corpos com gavetas sobrepostas de cada lado. Também existem mesas dobráveis ou com tábuas sobressalentes para aumentar as dimensões do tampo.

Barroco

Em termos gerais, será barroca toda a obra de arte em que predomine o gosto pelo movimento de massas desproporcionadas e de formas irregulares, a oposição entre a luz e a sombra, a busca da ênfase e a criação de efeitos de surpresa. No âmbito do mobiliário, todos estes condicionamentos se traduzirão simplesmente numa concepção exageradamente ornamental do mesmo. Certos móveis italianos e espanhóis de estilo barroco adquirem, pela aplicação destes princípios, um aspecto quase extravagante, pois a sua exagerada ornamentação anula todo o caráter utilitário.

Estilo Luís XIV

Na França o estilo Barroco surge sob a designação de Luís XIV. Este estilo é a clara expressão da vontade do rei. O mobiliário é sujeito, neste sentido, à mesma influência autoritária sofrida pela política interna e externa do reino ou pela atividade dos atores, poetas e pintores. Para Luís XIV tudo deve servir para a glória do Estado e contribuir para o esplendor do reino e da sua própria pessoa.

O móvel Luís XIV caracteriza-se basicamente pelas amplas dimensões, suntuosidade e simetria. A madeira mais utilizada é a nogueira, com acabamentos dourado ou natural. As estruturas representam uma grande mobilidade de linhas em forma de “S” alongado; as travessas têm de início a forma de “H”, para se cruzarem depois em “X”, curvarem-se ligeiramente e terminarem com um remate de talha no seu cruzamento.

Os móveis mais característicos são, como sempre, os móveis de assento, cuja altura não excede 45 cm. O cadeirão apresenta um espaldar alto, estofado e ligeiramente curvado para trás. Os braços são de madeira, sem estofos e encurvados, e apoiam-se sobre as pernas dianteiras. Não obstante, os modelos de móveis de assento mais utilizados, sobretudo na corte, são os tamboretos entalhados, ricamente ornamentados e guarnecidos com franjas. O cadeirão *em confessionnal* apresenta espaldar alto provido de orelhas e dará lugar, no estilo Regência, à *bergère em confessionnal*. Grande número destes móveis de assento aparecem estofados, enquanto outros são revestidos de palhinha e completados com almofadão solto, forrado com veludo ou outro tipo de tecido. Finalmente, difunde-se o uso da cadeira com assento de palha, geralmente pintada com laca da China.

As mesas são suntuosas e com uma decoração pesada. Possuem pés de madeira entalhada e dourada e tampo em mármore ou madeira, frequentemente com complicados marchetados e incrustações. Quando as mesas se destinam a ficar encostadas a parede são designadas por consoles e ornamentadas apenas nos três lados visíveis.

As secretárias ou mesas de escritório são retangulares e com o tampo forrado de couro; acima do saial, de marchetaria, encontram-se duas ou três gavetas providas de ricos puxadores e fechaduras; as pernas e as arestas apresentam ornamentos e aplicações em bronze. Um dos móveis mais característicos deste estilo é a secretária de oito pernas, denominada Mazarino, que apresenta dois blocos de gavetas separados por um vão central. Estes blocos servem de apoio ao tampo e descansam por sua vez, cada um deles, sobre quatro pernas unidas por duas travessas cruzadas; o móvel é completado por uma gaveta na zona central.

As camas continuam ainda envoltas em tecidos suspensos de um baldaquino. A cama denominada à *quenouilles* apresenta quatro colunas que servem de suporte ao dossel; nas camas *d'ange* e à *la duchesse* o dossel, independente, está fixo à parede, ficando mais curto que a cama no primeiro caso e de iguais dimensões no segundo.

Os temas decorativos são muito variados: motivos baseados na imitação de lambrequins, franjas, pregas e faixas; relacionados com a arte da guerra (troféus, capacetes, escudos e flechas); de origem vegetal (folhas, grinaldas e festões de flores e frutos, folhagens mais ou menos complexas e, com frequência, uma cornucópia); de origem animal (cabeças de leão, grifos, golfinhos, esfinges e pezinhos); de origem humana ou antropomórfica (máscaras, sóis com feições humanas, carrancas grotescas) e, por último, motivos de geométricos, utilizados principalmente para ornamentar os fundos, à base de molduras, esquemas florais, losangos simples, lisos, e grandes losangos em ponta de diamante.

Estilo Restauração

O Barroco na Inglaterra subdividiu-se em três estilos, conforme o soberano da época: Restauração (no reinado de Carlos II), Guilherme e Maria e Rainha Ana.

Durante a Restauração, os móveis apresentam formas muito semelhantes às do estilo Luís XIII, mas evoluem rapidamente. A medida que o século avança, a exuberância de formas do Barroco vai ganhando novas posições no domínio da estética do móvel.

O gosto pelo jogo e pela elegância das reuniões da origem a uma série de mesas pequenas e grandes, de pés torneados ou, mais tarde, com pés em volutas, que são utilizadas como tocadores, para diversos jogos de cartas ou para servir de apoio a tabuleiros de xadrez e de damas.

Os móveis de assento apresentam espaldar alto e ornamentos com esculturas, colunas ou ramagens e, com frequência, com palhinha, que também se utiliza nos assentos das cadeiras. A *chaise-longue* e o cadeirão estofado constituem uma inovação. Para imitar o móvel prateado procedente de Versalhes introduz-se a moda da utilização de madeiras pintadas a prata e, posteriormente, até mesmo o ouro.

Estilo Guilherme e Maria

Durante o estilo Guilherme e Maria, utiliza-se, para guardar objetos, além do armário, uma cômoda com numerosas gavetas. Entre outros móveis pode-se citar as escrivaninhas, que apresentam geralmente dois corpos: o inferior, com gavetas, e o superior, com características de armário e pormenores de gosto renascentista italiano; os pés têm a forma de esfera achatada ou bola. Ao desenvolver-se nesta época o hábito de colecionar porcelanas procedentes do oriente, surgem as vitrines, que geralmente, são formadas por dois corpos: o superior, envidraçado, e o inferior, com partes maciças, cornijas com molduras e decoração à base de laçados e incrustações. Outros modelos de vitrine compõem-se de um só corpo totalmente envidraçado que se apóia sobre pernas torneadas unidas por travessões recurvados.

Estilo Rainha Ana

Durante o reinado da Rainha Ana produz-se uma reação que simplifica o mobiliário, dando preferência a forma sobre a ornamentação, embora se continue a usar as pernas torneadas e o frontão com volutas.

O estilo Rainha Ana constitui uma especial contribuição inglesa ao mobiliário barroco. Não se tratam de móveis em que predominem o luxo e a ostentação, mas que evidencia uma magnífica técnica destinada a uma burguesia cada vez mais poderosa. Por este motivo os móveis Rainha Ana diferem bastante dos existentes no período anterior, pois com o desenvolvimento da classe média, o mobiliário evolui no seu desenho procurando modelos de maior comodidade e simplicidade. Aparecem formas enquadradas em curvas ligeiras e de belas proporções. Suprime-se

em grande parte os motivos decorativos, orientando-se os artesãos para o fabrico de um móvel de perfil claro e elegante, sóbrio e ponderado.

Constituem-se o elemento mais característico deste estilo as pernas *cabriolet*, que perdem os seus primitivos aspectos pesados, suavizando sua linha e apresentando na extremidade uma garra de águia segurando uma bola. Estas pernas são utilizadas nos móveis de assento, cómodas, mesas e consoles. Por outro lado, nos espaldares entalhados dos móveis de assento de linha suave e curva, surge um elemento central com figura de pá vertical talhada em forma de taça. Por fim a maneira de usar a laca acrescenta novas particularidades: os laçados são utilizados especialmente nos armários, escrivaninhas, vitrines e secretárias, empregando fundos vermelhos, verdes ou pretos, sobre os quais se faz sobressair dourados ou prateados que representam, quase sempre, paisagens e figuras orientais.

Na Espanha, o estilo Rainha Ana alcançou maior difusão, pois combinava mais com o severo e rígido gosto espanhol que o estilo Luís XIV.

Na Alemanha, predomina o estilo Luís XIV, porém em Augsburg são fabricados móveis de prata cinzelada de formas muito extravagantes, que revelam inspiração italiana.

Rococó

O estilo Rococó, mas decorativo que arquitetônico, é muito mais homogêneo que o barroco. Desde a Espanha até os confins do Danúbio a curva do rococó, os ornamentos leves e a graça deste estilo triunfam sem encontrar oposição.

Estilo Regência

Como todos os períodos de transição, o estilo designado por Regência marca uma evolução de formas que ultrapassa amplamente os oito anos de governo do duque de Orleães, após a morte de Luís XIV, na França.

Os ornamentistas repelem desde então toda a relação com a antiguidade clássica e lançam as bases de um estilo decorativo que se alargará a toda a Europa. A falta de simetria floresce nos mais pequenos detalhes, em toda espécie de móveis e em todas as técnicas de decoração. As formas torneadas do último período arredondam-se e suavizam-se. O estilo Regência cria assim móveis de uma grande beleza, livres de toda a solenidade e destinados não somente a ter uma bela aparência, mas também a ser funcionais.

Durante a Regência os motivos mais utilizados são a concha assimétrica, os desenhos exóticos (chineses) e a decoração vegetal, com pequeninas flores na parte de cima dos espaldares e ornamentos em forma de folhas no cimo das pernas. Rostos de faunos e mulheres sorridentes substituem as máscaras do estilo anterior, persistindo a decoração animal à base de asas de morcego, macacos, golfinhos, dragões, pássaros e quimeras.

O desejo de comodidade encontra a sua expressão na cadeira de braços designada por *bergère*, enfeitada com almofadas macias, ou na *chaise-longue*, cada vez mais apreciada.

A secretária Mazarino de oito pés vê-se substituída pela escrivaninha de tampa cilíndrica de maior simplicidade. Embora continuem a ser usadas as estruturas sólidas do século anterior, a sua ornamentação vai adquirindo a graça do estilo Luís XV. Definitivamente, trata-se de um estilo bastante agradável, equilibrado e cheio de encanto, que marca a transição entre o barroco e o rococó.

Estilo Luís XV

A evolução iniciada sob a Regência em princípios do século XVIII, adquirirá o máximo esplendor no reinado de Luís XV.

Os móveis de assento diversificam-se e tornam-se mais leves; os espaldares dos cadeirões, ainda altos durante a Regência, tornam-se mais baixos e os braços destes móveis encurvam-se. A cômoda é o móvel mais característico do século. É geralmente colocada em frente ao fogão de sala e torna-se muito decorativa por ser freqüentemente ornamentada por embutidos. Com Luís XV converte-se no modelo mais corrente: apresenta duas gavetas e os pés mais altos. O seu tampo, recortado e sempre ornamentado com bronzes, confunde-se com o perfil da gaveta superior.

O estilo Luís XV sobressai especialmente em móveis de pequenas dimensões. Cria mesinhas para diversos usos, que apresentam gavetas e podem ser acrescentadas mediante partes móveis que se erguem ou abaixam e tampos suplementares; são utilizadas em deferentes combinações, conforme são destinadas (para o café, a escrita, o penteado, os trabalhos femininos e os jogos. Também surgem múltiplos modelos criados para guardar objetos, como as cantoneiras e estantes.

O console evoluiu ao passar do estilo Regência para o Luís XV. É a peça favorita, sobre a qual se exhibe toda a espécie de objetos decorativos. É fabricada em madeira dourada e apresenta dois únicos pés, muito curvos e unidos nas extremidades.

A cama à *quenouilles* tende a desaparecer, enquanto continuam a ser utilizadas as camas à *la duchesse* e à *l'ange*.

No estilo Regência as pernas são ora curtas e encurvadas ora altas, e com freqüência representam a pata de algum animal terminada por um pezunho. Com Luís XV, as pernas desenham-se com mais facilidade e assentam sobre um cubo ou sobre uma voluta. Freqüentemente o pé aparece ornamentado por uma folha entalhada.

No estilo Luís XV predominam conchas recortadas ou perfuradas, flores estilizadas, folhas de acanto recortadas, misturadas com louros e juncos, temas orientais e exóticos e motivos de caça, música e amor.

Estilo Chippendale

Na Inglaterra, estilo que caracterizou o rococó é o Chippendale.

Chippendale é o ebanista mais importante e original do rococó inglês. Publica o seu primeiro álbum de modelos em 1754 e converte-se rapidamente no mais célebre marceneiro do mundo. Os seus desenhos resumem maravilhosamente as diferentes tendências artísticas predominantes na Inglaterra: o rococó, o gótico medieval e o gosto pelo exotismo ocidental. Tudo o que cria revela elegância e moderação, quer quando desenha camas em forma de pagode chinês, quer quando constrói cadeiras com pernas curvas e espaldar esculpido com motivos góticos entrelaçados.

A ornamentação Chippendale não é um simples acréscimo ao mobiliário, mas está ligada à própria escultura do móvel. Os móveis são pintados, revestidos de laca ou incrustados de ramos de flores holandesas, juntamente com desenhos geométricos de origem italiana. Os motivos decorativos mais utilizados são os chineses e os góticos, juntamente com talha geométrica, conchas, folhas de acanto, gregas, máscaras, patas de leão, garras e esculturas.

Estilo D. João V

O estilo D. João V corresponde ao Rococó em Portugal e vai influenciar o móvel brasileiro. São suas principais características: a utilização de madeiras muito escuras e enceradas (o pau-

santo ou o pau-preto, a noqueira e o castanho), o aparecimento de entalhes substituindo o trabalho de torno, o encurvamento cada vez mais acentuado das linhas retas do barroco e a presença das pernas em *cabriolet* como suporte para os móveis.

Como exemplo do móvel neste estilo, têm-se as cômodas, valorizadas sobretudo pela suave robustez arquitetônica, freqüentemente com ligeira “barriga” e muito entalhadas. Possuem os pés baixos e suas faces são geralmente de pau-santo ou pau-rosa. As frentes das gavetas são sempre ornamentadas com ricas pregadeiras de metal. Contrariando as influências francesas, estes modelos não apresentam nem os dourados, nem os excessos de bronzes, apenas a ferragem cinzelada dos puxadores e espelhos das gavetas, em geral de bronze dourado.

As mesas apresentam uma grande variedade de modelos e destinam-se aos mais diversos fins, como a “mesa de encosto”, de noqueira, com entalhes de conchas, folhas de acanto douradas e saial ornado de elegantes curvas e volutas, pernas finas com folhas de acanto e ferragens de bronze dourado a enriquecer o conjunto.

As cadeiras perdem a austeridade que as caracterizava no passado: as pernas encurvam-se, apresentam-se revestidas de acantos e os amplos assentos surgem estofados de veludos e sedas.

Estilo D. José I

Filia-se nas linhas preconizadas pelo estilo Luís XV e marca, em Portugal, o período áureo do Rococó. No final do reinado de D. José I, o mobiliário caminha para uma simplificação, por uma influência inglesa.

As cômodas e cômodas-papeleiras, em três painéis distintos, superam em leveza e elegância as do estilo anterior.

A utilização de madeiras de cor escura e enceradas e do folheado é igualmente característico deste estilo, em Portugal.

Nas cadeiras e em outros móveis de assento evidencia-se com maior nitidez a influência inglesa. Surgem modelos de cadeiras de espaldar variado, de “fitas” e “laços entrelaçados”, e de influência francesa, nos modelos em *cabriolet*.

As camas herdaram a estrutura do estilo D. João V, mas mostram tendências para uma simplificação.

No final do reinado aparecem ornamentos em embutidos de diversas madeiras em que se joga com as cores, as estrias e os veios da madeira, e o recorte dos motivos – muito especialmente utilizados nas cômodas e secretárias.

Neoclássico

O estilo rococó baseava-se especialmente nas expressões plásticas concebidas por ornamentistas e decoradores. Pelo contrário, o estilo neoclássico terá uma origem completamente diferente, resultado final de uma série de pesquisas históricas e arqueológicas.

Graças a algumas publicações Sobre a arte antiga, arquitetos e decoradores conheceram as belezas da antiguidade clássica, tornaram-se seus apreciadores e deixaram de utilizar as linhas curvas do rococó para se inspirarem, desde então, nas linhas retas da arte clássica.

Outra influência decisiva foi o resultado das escavações realizadas na Itália, em Pompéia (1748), quando vieram a luz numerosos vestígios greco-romanos, cuja beleza e delicadeza de linhas inspiraram os artistas da Europa durante todo o final do século XVIII.

O móvel neoclássico apresenta três fases. Na primeira é imposto pela classe alta intelectual, apresentando um estilo leve e elegante, de acordo com o requinte da sociedade do

século XVIII. Na segunda converte-se num estilo pesado e aparatoso, que corresponde à época do Império. Na terceira fase, é influenciado pela crescente industrialização, conservando ainda a sua inspiração clássica e dando origem ao estilo Restauração, que irá transformar-se pouco a pouco, para se tornar simplesmente confortável, antecipadamente de acordo com as alterações sociais do século XIX, que irão fazer do móvel moderno um objeto funcional e não uma peça de arte.

Estilo Luís XVI

A estrutura dos móveis de assento deste estilo reconhece-se facilmente, pois os seus construtores colocam um cubo de madeira entalhada sublinhando o local em que as pernas se unem ao aro do assento. As pernas anteriores são sempre direitas e, geralmente, estriadas, enquanto que as posteriores são geralmente inclinadas para trás. Os braços encontram-se na vertical das pernas dianteiras e o assento é quadrado, ovalado à frente ou redondo e sempre estofado. Os espaldares, também estofados, apresentam formas múltiplas: quadrada, retangular, redonda, em medalhão, escudo e chapéu de cogumelo. Por vezes são ornamentados com motivos em forma de cesto, lira, feixe ou arcos.

As mesas pequenas são em grande número e apresentam tampos de mármore, ou mesmo de porcelana, quadrados, retangulares, circulares, ovais ou em forma de rim.

Neste estilo destaca-se, entre os móveis mais utilizados, a secretária de tampo horizontal, por vezes arrematado por um filete de cobre. A secretária de tampa de abater e a escrivaninha de tampa cilíndrica, que surgiram no tempo de Luís XV, são também muito numerosas, mas com as pernas retas, apresentando esta última um tampo cilíndrico articulado em vez de rígido.

Entre os móveis fechados destaca-se a cômoda, frequentemente apoiada sobre pernas bastante curtas, provida de duas grandes gavetas na frente e de um saial estreito, com uma gaveta, por vezes dividida em três. A sua forma geral é retangular ou em meia-lua. Umas cantoneiras acrescentadas às laterais da cômoda servem com frequência para expor objetos de arte. O *chiffonier* é um móvel alto com oito gavetas, semelhante à cômoda, e constitui um elemento essencial para completar o mobiliário dos aposentos femininos desta época. Os armários e os aparadores apresentam as mesmas estruturas que os do Luís XV, variando somente a sua ornamentação.

A cama “à francesa” apresenta um dossel colocado perpendicularmente à parede e uma única cabeceira. A cama “à polaca” é colocada paralelamente e junto a parede, apresentando uma cabeceira e pés da mesma altura.

Os elementos mais característicos do estilo Luís XVI são apresentados pelas pernas dos móveis de assento e de outros móveis, que podem ser de seção circular, quadrada ou hexagonal, mais delgadas na parte inferior e entalhadas com estrias retas ou em espiral.

Os motivos decorativos do estilo Luís XVI são representados por grinaldas de flores, pilastras arquitetônicas, medalhões ovais enfeitados com faixas, rostos de mulheres e crianças e, com muita frequência, por simples repetições lineares de elementos clássicos: nós, corações, folhas, flores, listas estreitas e rolos de faixas.

Estilo Adam

Robert Adam, jovem arquiteto escocês, empreendeu, por meados do século XVIII, uma viagem a Itália e, seduzido pelos vestígios encontrados nas escavações de Pompéia, que estudou com cuidado e entusiasmo, decidiu interpretá-los depois do seu regresso a Inglaterra. Como resultado dos seus estudos surgiu a publicação de um importante resumo de desenhos, que imprimia uma nova orientação, de caráter neoclássico, à arquitetura e ao mobiliário.

A estrutura do móvel de estilo Adam é rigorosa e proporcionada, escasseando a linha curva que, quando existe, é clássica e geométrica. Em geral, os seus móveis são simples, utilitários, de linha elegante e de dimensões muito equilibradas e certas. As pernas são cônicas ou torneadas e raramente apresentam travessas. Os espaldares adotam diversas formas, sendo características as circulares em forma de roda, com raios ovalados, as de argolas horizontais, com finos entalhos e as formadas por duas ovais entrelaçadas.

Geralmente é utilizada a madeira de mogno, realçada com incrustações de caráter geométrico e arquitetônico.

A disposição da ornamentação é geralmente radial ou em leque, com motivos de grinaldas, gregas ou formas geométricas, imitando os temas clássicos dos frisos gregos. Na ornamentação são introduzidos festões com entalhes de flores e folhas, elipses decoradas com entalhes em forma de leque, rosetas ovais, rosas de simetria clássica, urnas, esfinges, caneluras, estrias e folhas de acanto.

Os móveis de assento Adam têm pernas retas, de seção quadrangular ou pontiagudas. Apresentam espaldares retangulares ou ovais, com ornamentação central de colunas estriadas ou motivos de lira. Os braços dos cadeirões são de linha curva.

As mesas retangulares, de delicadas proporções, apresentam pernas direitas com caneluras e estrias e as gavetas sobre o saial, sendo ornamentadas na sua parte superior com rosetas simples ou grinaldas e folhas de acanto. Mais características são as mesas redondas, cujo tampo é sustentado por uma coluna central maciça, dividida na parte inferior em quatro pés curvos.

Estilo Hepplewhite

O mobiliário criado por Hepplewhite é muito semelhante ao anterior no que se refere aos materiais, estrutura e ornamentação, limitando-se a continuar o estilo criado por Adam. No entanto, os seus desenhos são mais perfeitos e delicados, pois neles a curva é utilizada mais livremente e em maior quantidade.

Os móveis de assento Hepplewhite, simples e elegantes, apresentam característicos encostos em coração e em escudo, com motivos entalhados de faixas entrelaçadas enfeitadas ao centro com vasos, hastes ou plumas esculpidas e por vezes gradeados. Os braços dos cadeirões são geralmente muito alto e formam uma linha curva contínua.

Embora as pernas dos móveis de assento, das mesas e das camas sejam retas, por vezes caneladas, os móveis mais importantes, como as escrivaninhas encimadas por uma estante e as secretárias com numerosas gavetas, apresentam pernas ligeiramente curvas.

Entre as mesas Hepplewhite destacam-se as de forma oval com abas extensíveis que se apóiam em pernas direitas e pontiagudas. Também são interessantes os consoles de tampo retangular, semi-circular ou de frente ondulada.

Estilo Carlos IV

O estilo Carlos IV, que em muitos casos é a fiel transposição do estilo Luís XVI para a Espanha, tem uma relevante personalidade, pois produz modelos autenticamente originais, como a cadeira chamada *de peineta*, com espaldar laqueado e marchetado com cenas de Pompéia. Também merece salientar uma série de cadeiras e cadeirões em que aprecia a livre interpretação dos móveis de assento de estilo Hepplewhite, com os típicos espaldares em forma de lira.

Outro móvel correspondente ao estilo Carlos IV e que se destaca pela sua beleza e elegância e pela presença de linhas retangulares de grande originalidade, é o sofá, pelo que pode

ser considerado como padrão do mobiliário neoclássico espanhol. Os seus braços estofados que se abrem para fora, ficam à mesma altura do espaldar, dando origem a um móvel de proporções muito cuidadas

Estilo D. Maria I

No reinado de D. Maria I assiste-se a uma interpretação muito original dos estilos Luís XVI, e sobretudo, do Adam, Hepplewhite e Sheraton. É o retorno as formas retas e a introdução de certas formas redondas e ovais.

É típica deste período do mobiliário português a pintura do móvel com o fundo branco e a introdução de pequenos medalhões ou miniaturas pintadas, em grande parte obra do artista francês Pillement. Este tipo de móvel é talvez o mais original e o que justifica a designação de estilo D. Maria I.

O móvel mais característico deste estilo é, sem dúvida, a cama. Esta apresenta os pés retos, de seção quadrangular estreita para baixo, a cabeceira oval, quadrada, redonda ou com medalhões ovais, é ladeada por dois montantes torneados de seção circular, quadrangular, poligonal, por vezes estriados, terminados por bilros ou pequenas urnas.

Império

O estilo Império surge em consequência da Revolução Francesa, iniciada e continuada na última década do século XVIII e que põe fim ao ostentoso luxo palaciano do rococó e do neoclássico.

Esta designação é também atribuída aos estilos Diretório e Consulado, que na realidade são anteriores, sendo, contudo, lógico reunir os três estilos sob uma única denominação, considerando-se que este tipo de decoração atinge o seu máximo esplendor durante o período do império napoleônico, ou seja entre 1804 e 1815. Depois da queda de Napoleão o estilo Império ainda perdurará na Europa até 1830.

Estilo Diretório

O estilo Diretório, considerado como uma transição entre o correspondente à época de Luís XVI e o que surgirá sob o império napoleônico, começa a desenvolver-se quando ainda não tinham decorridos três anos sobre a morte do último Bourbon. Adota as antigas linhas da Roma clássica, mas liberta-se de tudo quanto simbolizava a monarquia.

Com o estilo Diretório, as incrustações e os bronzes entalhados desaparecem quase completamente. O mogno maciço, por vezes incrustado com outras madeiras mais claras ou com marfim, é o material preferido pelo novo estilo para o fabrico de mobiliário. No entanto, ainda são frequentes os móveis pintados com cores claras e realçados com motivos escuros.

Entre os principais motivos decorativos destaca-se o losango, que figura como desenho central, pintado, incrustado ou entalhado; o hexágono, o octógono e o fuso e a rosácea no meio de um losango.

Os móveis Diretório conservam, em geral, a mesma estrutura que os do período Luís XVI, salvo algumas inovações. Os braços dos móveis de assento terminam frequentemente em cabeça de leão ou grifo, enquanto que os suportes dos braços se apóiam em geral sobre um busto de mulher ou uma esfinge alada.

Os espaldares retangulares curvam-se para trás enrolando-se na sua parte superior. Quando estes espaldares não são maciços, o travessão que une os montantes é decorado com motivos característicos do estilo e da época.

A *chaise-longue* é estreita e comprida, com dois espaldares desiguais e pés curvos inclinados para o exterior.

A mesas pequenas e veladores distinguem-se das mesas Luís XV apenas na sua decoração, enquanto os consoles, que apresentam quatro pernas, são providos de uma travessa e de uma gaveta situada no saial.

No que se refere aos móveis fechados do estilo Diretório, todas as cômodas apresentam o mesmo modelo, com os lados direitos e as arestas ornamentadas com pilastras, colunas, cabeças ou pedestais. Estes móveis são providos de três ou quatro gavetas, e apóiam-se em pernas curtas. Os armários apresentam a mesma estrutura que os do período precedente, sendo muito importante a sua decoração.

Estilo Império

O Consulado que serve de união entre o Diretório e o Império, devido a sua brevidade não chegou a dar origem a um estilo próprio. No entanto, os ebanistas da época criam modelos inéditos. Contudo, pesará o desejo de grandeza do novo imperador, que imporá um estilo decorativo ao seu serviço, enquanto domina a França.

O estilo Império respeita, em geral, as linhas retas e os cantos vivos, embora se encontre com frequência curvas suaves e alongadas, denominadas “de gôndola”, sobretudo nas camas, nas *chaise-longues* e em certos modelos de móveis de assento.

A marchetaria desapareceu totalmente, sendo substituída pelas incrustações. Por outro lado, os bronzes passam a constituir o ornamento principal dos móveis. Os motivos decorativos voltam a distribuir-se simetricamente, podendo ser geométricos, com predileção pelo ovalado, ou copiados da antiguidade clássica.

As estruturas do móvel Império concretizam-se em formas geométricas, simétricas e de superfícies retas. As curvas utilizadas são muito suaves e regulares, com o fim de animar as formas excessivamente frias, alcançando-se uma excelente perfeição na execução, assim como no aspecto exterior do mobiliário, de perfil de linhas puras e bem delimitadas.

Entre os motivos ornamentais mais utilizados destacam-se as colunas dóricas e coríntias, com capitel e base de bronze, grinaldas, coroas de louro, folhas de acanto, estrelas, liras, camafeus, torsos, emblemas guerreiros, águias imperiais e a abelha, além do “N” clássico, inicial do Imperador.

Os móveis de assento são rígidos e incômodos, com a extremidade do espaldar enrolada e as pernas retas ou então cruzando-se “em tesoura”, como nos antigos tronos romanos.

Dentre os móveis destinados ao repouso sobressai o sofá denominado *méridienne*, com um braço mais alto que o outro, unidos por um espaldar conseqüentemente inclinado, e a *chaise-longue a la pommière*, com um espaldar muito baixo que se prolonga para os lados para formar os braços que apresentam a forma de um “S” de ampla e suave curvatura.

Um dos móveis mais característicos do Império é o *toilette*, ou toucador, que consiste num tripé romano, com duas estantes, uma para o jarro e outra para a bacia, e dois montantes em forma de cisne que sustentam um espelho redondo ou retangular, de grandes dimensões e rodeado por uma moldura, que recebe o nome de *psyché* e constitui uma das inovações introduzidas pelo estilo Império.

As camas que são colocadas paralelamente a parede, apresentam uma cabeceira em cada extremidade, são decoradas com motivos de troféus militares e providas de dosséis que lembram tendas de campanha. As cabeceiras por vezes encurvam-se acentuadamente nas camas denominadas “de gôndola”.

Estilo Sheraton

Nos desenhos de Sheraton é bem evidente a influência Neoclássica de Adam. Tal como Hepplewhite, Sheraton empregou motivos decorativos anteriormente utilizados por aquele. Também recorreu ao entalhe em baixo relevo e a incrustação e marchetaria com madeiras claras sobre um fundo de mogno. Contudo, ao desenvolver o seu estilo pessoal, foi-se interessando cada vez mais pelas linhas retas e arestas vivas, reduzindo o emprego de curvas e introduzindo assim as normas do estilo Império na Inglaterra.

As formas retangulares do mobiliário do estilo Sheraton são muito acentuadas devido a escassa utilização das linhas curvas. A predileção de Sheraton pelos complexos mecanismos utilizados na montagem dos móveis é característica essencial deste decorador.

Entre os motivos decorativos mais utilizados sobressaem as linhas entrecruzadas em diagonal, muito características, e a generalidade do emprego de motivos clássicos.

Nos seus móveis de assento predomina a linha reta, a simplicidade e a sobriedade de ornamentação. O espaldar apresenta uma forma retangular característica, ostentando uma ornamentação na sua zona central a base de jarrões de formas clássicas ou de barras verticais que imitam pequenas colunas. Também são típicos os espaldares em forma de lira ou de medalhões com pinturas diversas.

Os móveis de assento são estofados ou apresentam palhinha. Os braços – altos e curvos – dos cadeirões, assentam sobre balaústres. As pernas são direitas e finas, de seção quadrangular ou circular que afina para a extremidade, e apresentam canelados ou estrias, sendo, no entanto, geralmente desprovidas de travessas.

Os sofás assemelham-se bastante aos cadeirões, com o espaldar de travessas ou de palhinha. No que se refere às secretárias, continuam a ser fabricadas de diferentes modelos desde a mesa secretária com gavetas até às secretárias de tampo cilíndrico ou de persiana.

Estilo Regência

O estilo Regência inglês segue as orientações do estilo Império e irá, de início, inspirar-se essencialmente na arte egípcia. A graça do desenho, imposta por Adam, mantida posteriormente por Hepplewhite e continuada em parte por Sheraton, desaparece totalmente, tornando-se as peças de mobiliário arquitetônicas, quadradas e imponentes.

Nesta época desaparece o clássico bom gosto inglês, limitando-se os criadores de móveis a imitar as formas francesas, porém sem as sentirem, pelo menos em toda a sua plenitude. Como resultado dá-se o aparecimento dos armários-bibliotecas com aspecto de fachada de templo clássico e de canapés em forma de cama romana, móveis em que o trabalho de marcenaria é sacrificado ao entusiasmo pela arqueologia.

Romantismo

O Romantismo dá origem a um tipo de móvel que já é prenúncio dos estilos modernos. A sua falta de inspiração criadora, no que se refere à decoração e ao mobiliário, é o primeiro sinal de uma grande transformação.

Estilo Restauração

Depois da derrota de Napoleão em Waterloo, a França aspira novamente a paz e a comodidade. Restaurada a monarquia, as novas formas, ainda que não se afastam das linhas gerais do neoclássico, recuperam, em menor grau, o aspecto do antigo regime.

Definitivamente, a Restauração não traz uma autêntica renovação aos móveis nem na sua forma, nem na sua decoração. Pelo contrário, o fabrico industrializado copia durante quase um século toda a criação artesanal, para dar lugar ao triunfo dos estilos burgueses e dos estilos modernos.

Os móveis mudam de proporções, mas mantêm a estrutura que apresentava no estilo Império. Os espaldares das cadeiras e cadeirões, retilíneos a princípio, curvam-se depois em forma de arco e de gôndola. Os móveis de assento, menos rígidos e mais leves, tornam-se mais confortáveis e, com frequência, providos de molas.

As mesas são mais leves e manuseáveis que as do estilo Império. A mesa “à inglesa”, de forma retangular, prolonga-se por meio de tampos de abas. O tampo das mesas de jogo é forrado de um pano verde. Os toucadores e os *psychés* têm espelhos móveis, redondos ou ovais. A mesa de trabalho é provida de uma tampa e de uma ou duas filas de compartimentos com pequenas gavetas no interior. Os veladores, as cômodas, secretárias, consoles e camas tornam-se menos pesadas e solenes, embora mantenham as mesmas formas que apresentavam no estilo Império.

As pernas posteriores dos móveis de assento tomam a forma de sabre curvo para fora enquanto as dianteiras são retas, em forma de balaústre ou de fuso. As molduras tornam-se muito requintadas. Um novo perfil, denominado “de tulipa” aparece na parte superior das escrivaninhas e cômodas.

Estilo Luís Felipe

De Carlos X a Luís Felipe, a monarquia francesa muda de orientação. A revolução que separa os dois soberanos impõe uma nova sociedade, na qual o privilégio da nascimento não é o único meio de acesso aos privilégios do luxo e da fortuna.

Luís Felipe é o último rei da França que dá o seu nome a um estilo, depois do grande número de soberanos anteriores que influenciaram a decoração do seu tempo. O seu reinado caracteriza-se mais pela evolução das formas para uma certa comodidade, do que pela procura de algo de original.

As cadeiras de braços retos, “de gôndola” ou “à Voltaire” apresentam-se quase totalmente forradas com tecidos de pelúcia de cores escuras ou com estofos de flores. As pernas por vezes ocultam-se sob uma franja de passamanaria. Alguns móveis de assento têm o espaldar trabalhado com arcos ou travessões delicados, incrustados de madrepérola. Os demais tipos de móveis de assento variam pouco e conservam a forma de gôndola do estilo Império. O restante do mobiliário – mesas, consoles, *psychés*, secretárias e camas – mantêm também as formas finais dos estilo Império e do estilo Restauração, sendo contudo fabricados em madeiras menos ricas.

Algumas cômodas têm a gaveta superior disposta como uma mesa-toucador. Os armários apresentam portas com espelho, superfície lisa e uma gaveta na parte inferior, harmonizando-se com a ornamentação da parte superior do móvel que se converte num elemento indispensável do quarto de dormir.

A marchetaria é posta à parte, continuando porém a utilizar-se as incrustações de madrepérola e de diferentes madeiras de cores contrastantes. Os bronzes também desaparecem, passando a recorrer-se a utilização do cobre para o fabrico de ferragens. Os mármorees são cinzentos, negros ou brancos e emoldurados com um entalhe ou em forma de cimalha.

Nas pernas reaparece o torneado em esferas, lisas ou decoradas, especificamente no pé central das mesas e dos veladores.

Os motivos decorativos quase desaparecem, subsistindo apenas filetes que sublinham as volutas, pernas de rã e ramos de flores pintados sobre madeira escurecida.

Estilo Napoleão III

Os móveis da primeira fase do reinado de Napoleão III, entre 1852 e 1860, são heterogêneos e sem personalidade. A Imperatriz Eugênia, que desejava uma corte faustosa, mandou decorar os seus aposentos do Louvre com móveis de madeira dourada, consoles Luís XIV, cadeiras Luís XV forradas em *capitoné* de veludo e, principalmente, com móveis de salão de estilo Luís XVI.

Entre os móveis em voga nos salões alcançaram grande êxito os *poufs* e os canapés estofados em *capitoné*, e também as conversadeiras, como por exemplo o “confidente” de dois lugares colocados em posição inversa, e o “indiscreto”, de três lugares dispostos em hélice.

Mantém-se o emprego de madeiras escuras como o ébano, embora também se utilize o pitespaine e a pereira escurecida, a nogueira, o palissandro e o pau-rosa, assim como a madeira laçada de negro, pintada ou incrustada de madrepérola e mármore.

Os modelos de móveis de assento são muito numerosos neste estilo. Por um lado copia-se os cadeirões Luís XV e Luís XVI, e, por outro, surge uma variedade de móveis de assento confortáveis: cadeiras baixas, *poufs* estofados em *capitoné* e com uma franja de passamanaria até o chão, tamboretas de pés entalhados com esculturas venezianas ou complexas molduras que imitam cordames, o “confidente” composto de dois cadeirões unidos e colocados em posição inversa, e o “indiscreto”, com três assentos dispostos em hélice.

As mesas são cópias das do estilo Luís XVI, Regência ou Renascença. No entanto, surgem novos modelos, de madeira laçada de preto, decorada com ramos de flores policromadas. Destinam-se a múltiplos fins: mesas de trabalho, mesas basculantes sobre um tripé, mesas cantoneiras, mesas de jogo dobráveis, consoles e mesas de cabeceira de tampo móvel.

As escrivaninhas inspiram-se em modelos antigos, desde a escrivaninha Mazarino até à do estilo Luís XVI. Destacam-se algumas escrivaninhas femininas, de estilo neo-rococó ou neoclássico, requintadamente decoradas com incrustações.

As cômodas, os pequenos bufetes e os armários de duas portas baseiam-se nos estilos de mobiliário do século XVII, apresentando incrustações, ou imitam os móveis do século XVIII.

Estilo Vitoriano inglês

O reinado da Rainha Vitória, desde 1837 até 1901, é tão extraordinariamente longo, que o estilo Vitoriano pode ser considerado o estilo inglês do século XIX.

O estilo Regência, dominante nos princípios do século, vai-se transformando lentamente, já que cada fabricante acrescenta um ornamento ou uma forma nova. Juntamente com os estilos inspirados na Antiguidade surgem modelos híbridos, que não podem ser agrupados sob nenhuma tendência, como os populares móveis de assento em *capitoné* totalmente originais e que alcançam já grande êxito no início do século XIX.

Ao observar os móveis da época vitoriana, verifica-se que nestes todas as tendências são imitadas, copiadas e misturadas. Não obstante, como sucede com os móveis franceses da época, o seu aspecto, essencialmente confortável, tem um certo encanto. Por volta de 1860, inicia-se uma forte reação contra este ecletismo, motivada pela aparição do movimento “Arts and Crafts” que é

dirigido por William Morris, cuja ânsia de perfeição no trabalho e cujas idéias sobre a proteção do artesanato irão favorecer grandemente o advento dos estilos modernos no final do século.

Estilo Isabelino espanhol

O estilo romântico espanhol – denominado Isabelino – que dominou entre 1833 e 1868, durante o reinado de Isabel II, carece de características bem definidas. Não se trata de uma tendência motivada por algum impulso original, mas somente de uma combinação depurada de variadas influências incapazes de produzir, individualmente um mobiliário com características próprias.

Neste estilo todos os móveis são maciços e de estrutura retangular, com as pernas dianteiras geralmente torneadas e as posteriores curvas para trás. São utilizadas grossas molduras de perfil simples, que terminam em frisos e arremates.

Na realidade, o mobiliário isabelino espanhol corresponde a um estilo disperso, produto de uma época em que declinam os estilos históricos europeus, com a circunstância agravante de surgir em condições político-sociais muito incertas. O estilo isabelino é consequência de uma adaptação espanhola dos estilos Luís Felipe e Segundo Império franceses e Vitoriano inglês, que reúne tendências muito diversas, aplicadas inclusive no mesmo modelo de móvel.

Estilos Modernos

Pelo nome de estilos modernos designa-se o móvel contemporâneo, pertencente ao século XX e desenhado segundo linhas arquitetônicas, em oposição aos estilos decorativos do móvel tradicional. A principal característica do móvel moderno, nem sempre alcançada, é a busca da simplicidade. Ao mencionar os estilos modernos há que distinguir entre os móveis produzidos desde o final do século XIX até 1930, e os móveis fabricados posteriormente a esta data.

Art Nouveau

O movimento Art Nouveau é essencialmente individualista e decorativo, com idéias extraídas do movimento romântico. Tendo-se divulgado por toda a Europa entre 1890 e 1920, exalta ainda o ornamento e as linhas curvas e ondulantes, inspiradas geralmente no mundo vegetal. São muitas as denominações que recebe a Art Nouveau: estilo 1900 ou Art Nouveau, na França; Domestic Revival ou Arts and Crafts, na Inglaterra; Floreal, na Itália; Jugendstil, na Alemanha; Secession, na Áustria, etc.

A Art Nouveau transforma totalmente o aspecto dos móveis. Os seus móveis de assento caracterizam-se por uma linha sinuosa que se estende desde o espaldar até as pernas. O espaldar é geralmente alto e o assento, estreito. Por vezes o tecido do estofado reveste ambas as partes sem interrupção, acentuando a unidade do móvel.

As mesas, secretárias e os móveis auxiliares são, freqüentemente irregulares e de formas sinuosas. As suas pernas inspiram-se em motivos vegetais. As secretárias com numerosas gavetas apresentam, geralmente, pequenas prateleiras simetricamente colocadas dos lados. Mesas de costura, mesinhas de cabeceira, vitrines, estantes e mesas de jogo apresentam também linhas ondulantes e pernas curvas, com estrutura freqüentemente assimétrica.

Entre os móveis fechados destaca-se o aparador, pesado e de grandes dimensões, com a parte inferior provida de quatro portas e a superior envidraçada, apresentando vãos e prateleiras. Os armários são ornamentados com cristais e motivos decorativos de talha e marchetaria.

As camas têm cabaceiras diferentes dos pés com uma moldura que contorna todo o móvel. Por vezes são realçadas com uma segunda moldura, que faz sobressair a marchetaria ou os painéis de madeiras diversas que as adornam.

A ornamentação de tal modo faz parte do móvel que este se converte em puro ornamento. A marchetaria representa geralmente flores ou paisagens, enquanto as incrustações e os entalhados acentuam as sinuosidades, as curvas e os suportes em forma de caule.

São muito utilizadas as madeiras claras, a noqueira, o sicômoro e o mogno. Os fabricantes de móveis em série empregam também madeiras de qualidade inferior, como o pinheiro e o abeto, laçadas e pintadas. Com a Art Nouveau utiliza-se também materiais como o ferro, o aço, a prata esmaltada ou o bronze.

O rico e dinâmico conjunto de motivos decorativos da Art Nouveau baseia-se em formas de inspiração vegetal, como algas e outras plantas aquáticas, lírios, orquídeas e outras flores exóticas, formas animais como pássaros, borboletas, libélulas e por vezes serpentes, inspiradas na pintura japonesa, e figuras femininas, de corpo inteiro, em forma apenas de bustos ou mesmo de lânguidas cabeças.

Cubismo

A Exposição Internacional de Paris de 1925, dedicada às artes decorativas e industriais, assinala o triunfo do estilo cubista sobre a Art Nouveau. Nesta época todos os movimentos de vanguarda tendem para a simplicidade total de linhas e para a supressão do ornamento. A linha reta, o quadrado e o círculo dominam a nova arte decorativa.

Também neste estilo, a cor reaparece como uma novidade, já que tinha sido afastada pelos vernizes de tons brilhantes do século XVIII e pelos sóbrios verdes, cinzentos e castanhos cor de mogno da Art Nouveau. A gama de cores do cubismo é uma festa em que colabora a iluminação elétrica. Esta também faz parte da decoração como elemento ornamental, sublinhando tetos, molduras, superfícies inclinadas, por meio de iluminação indireta ou direta, produzida por apliques e candeeiros de vidro.

O Cubismo é uma doutrina estética procedente da pintura, com normas determinadas e específicas, cuja teoria se aplica ao mobiliário. A ornamentação, por ser um elemento estranho ao móvel, não desempenha qualquer função, pelo que deve ser banida.

Os móveis de assento do estilo cubista são numerosos e variados. As cadeiras têm, geralmente, o espaldar baixo, os assentos de palhinha ou guarnecidos de couro e as pernas finas e curvas, ou de inspiração rústica ou regional. Os cadeirões são bastante baixos, de pernas curtas e braços retos.

As mesas da sala de jantar são redondas, quadradas ou ovais, por vezes com tampo extensíveis. As mesas baixas e consoles apresentam, freqüentemente, tampo de mármore e pernas de ferro forjado. As secretárias são do tipo clássico, freqüentemente com o tampo forrado de couro.

Os armários e estantes são volumosos e fabricados em madeiras preciosas como o ébano, o jacarandá e o pau-rosa. Os seus frontões são muito decorados com marchetaria ou motivos de bronze dourado e prateado.

Os toucadores têm espelho oval muito alongado e um pequeno bloco de gavetas de cada lado, apoiando-se todo o conjunto numa mesinha baixa. O rebordo do espelho é cinzelado e os painéis discretamente decorados com motivos de marchetaria ou de bronze.

As camas, muito simples e com a cabeceira diferente dos pés, são geralmente decoradas com marfim, madeiras exóticas, couro lavrado e aplicações de bronze.

Um novo tipo de móvel, fabricado com tubo de aço, revoluciona as técnicas de fabrico, não só no que diz respeito ao material, mas também ao desenho. As características de ductibilidade do novo material permitem projetar móveis cujas linhas de resistência podem se orientar em todos os sentidos, o que facilita a construção de elementos de estrutura até então inéditas, conhecidos pelo nome genérico de móvel tubular.

Estilo Funcional

O autêntico estilo funcional inicia-se pelo conjunto de artistas agrupados nos movimentos De Stijl, na Holanda, l'Esprit Nouveau, na França, e Bauhaus, na Alemanha.

Os primeiros designers conceberam modelos de móveis, fabricados entre 1918 e 1930, de tal modo funcionais que continuam a ser admirados e fabricados, apesar de a princípio terem surpreendido e mesmo chocado o público. Estes móveis converteram-se para nós em autênticos "clássicos modernos".

Este tipo de móvel corresponde às seguintes características:

- supressão de todo elemento ornamental que não pertença a própria estrutura;
- construção sobre uma estrutura audaz, na sequência de um estudo que porá em evidência as linhas de força mais elementares e eficazes;
- busca de uma simples função decorativa, que proceda destas mesmas linhas de força e se baseie em pequenos pormenores que não permitam ao móvel perder a sua pureza estrutural;
- criação de cânones que concedam valor de utilidade universal a determinadas formas do móvel, sem atender às necessidades individuais;
- tendências para formas abertas, claras e simples, com um nítido sentido social.

As novas técnicas e os tratamentos aplicados aos materiais, o seu menor custo e a possibilidade de produzir móveis em série foram fatores decisivos para a consolidação do estilo funcional.

Mies van der Rohe, um dos grandes arquitetos do nosso século, desenhou uma série de móveis funcionais de extraordinária beleza. O principal exemplo disso é a cadeira Barcelona, desenhada para o pavilhão da Exposição Internacional de Barcelona.

Movimento De Stijl

Este movimento ostenta o nome de uma revista holandesa, fundada em 1917 por Théo van Doesburg, na qual se agruparam pintores, escultores e arquitetos que desejavam promover uma nova estética.

Em oposição a tradição e com a evolução seguida pelo grande público, a revista De Stijl advoga a supressão dos ornamentos em favor das superfícies lisas e das formas geométricas. A cor não devia desempenhar uma função decorativa independente, mas sim permitir a definição dos diferentes espaços, tanto interiores como exteriores, para o que eram utilizadas unicamente as cores primárias (vermelho, amarelo e azul) em oposição ao preto, branco e cinza.

O arquiteto holandês Gerrit Rietveld foi um dos primeiros a promover a produção em série de móveis económicos, criando em 1918, baseado em linhas e planos extremamente simples, a cadeira Vermelho e Azul.

O Esprit Nouveau

Na França, a revista L'Esprit Nouveau, criada em 1920 pelo pintor Amédée Ozenfant e o arquiteto suíço Lê Corbusier, dá origem a um movimento de renovação arquitetónica muito importante, que agrupa não só pintores e arquitetos, mas também poetas e escritores.

Como exemplo temos os móveis criados por Lê Corbusier entre 1927 e 1929, dentre eles a *chaise longue* de 1928, com pés de aço e assento com pele de cavalo.

A Bauhaus

Fundada em 1919 pelo arquiteto Walter Gropius, a escola Bauhaus implantou um sistema de ensino inteiramente novo, que influenciou na evolução da arquitetura e do mobiliário contemporâneos. Seu sistema de ensino baseava-se em fundir a formação artesanal e artística, e trabalhar em equipes que reunissem diferentes atividades: coreografia, teatro, tipografia, trabalho em metal, artes plásticas e arquitetura. A investigação orientada a produção de protótipos destinados ao fabrico em série foi outro aspecto revolucionário da Bauhaus.

Foi na Bauhaus que o arquiteto Marceu Breuer, inspirado no quadro de sua bicicleta, estudou os primeiros modelos de mobiliário metálico tubular. Entre seus modelos mais célebres figuram a cadeira Wassili. Também desenhou móveis de assento montados sobre um caixilho de alumínio, que foram os primeiros do seu gênero.

O Organicismo

A tendência organicista surge como uma reação contra a frieza do funcionalismo e a sua falta de intimidade, ainda que os dois movimentos coexistam no mobiliário atual. O organicismo resultou sobretudo do aparecimento da madeira moldada, resultado de um tratamento químico e de fortes compressões.

O organicismo procura criar um móvel funcional à medida da comodidade do usuário, de maneira que este não tenha de adaptar-se à função, mas que a função se adapte a este. Nesse sentido são suavizados os rígidos perfis do estilo funcional, procurando-se adaptar as linhas de força à anatomia do corpo humano.

As principais características do móvel organicista consistem:

- ausência de linhas retas e superfícies planas, assim como de arestas e ângulos;
- preferência pelos ocos quando não é imprescindível a continuidade compacta das superfícies;
- simplificação dos sistemas de fixação;
- preocupação em obter formas flexíveis e atípicas;
- utilização de materiais nobres como a madeira, o metal, o vidro e os tecidos, combinados com plásticos e outros produtos modernos;
- da linha do móvel às características da casa onde será colocado e de seus usuários;
- grande preocupação com a cor através de cujo estudo se procura conseguir harmonizações que produzam determinados efeitos psicológicos em quem os utiliza.

O móvel *design*

O design é o estudo mais profundo e completo da função de um objeto, quer dizer, da sua utilidade e da sua beleza. Por trás de todo design há sempre alguém ou uma equipe que se dedica a criar, projetar e a produzir objetos belos e úteis. O designer, ao contrário do decorador, está profissionalmente integrado na indústria.

Um exemplo esclarecerá este conceito: o “saco” é um assento de forma indeterminada, composto por vários milhares de bolas de poliuretano contidas num saco de couro ou plástico. É uma peça de design a que o usuário pode dar forma tanto para sentar como para se estender ou deitar.

Há poucos anos a Itália tem vindo inundar o mercado europeu com móveis – hoje difundidos em todo o mundo – de formas e cores diversas, fabricados em materiais novos e com

características de design. Este, porém, ultrapassa largamente a fronteira da arte decorativa. Não se trata de um novo estilo decorativo, nem de uma nova arte de viver, mas simplesmente de uma nova maneira de ver os objetos, de os compreender, de os racionalizar e ordenar para torna-los mais úteis.

Referência:

ESTILOS de Mobiliário. **O Grande livro da decoração**. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.